

NELSON PESSOA RESPONDE

Como o hipismo entrou em sua vida? Antes dele, o senhor já havia praticado outro esporte? Em sua opinião, qual a importância do esporte na formação de um jovem?

O hipismo entrou na minha vida por influência do meu pai, aos sete anos. Meu pai começou a montar já mais tarde. Não era um homem de cavalos. Sua profissão era agente imobiliário, mas ele se apaixonou pelos animais, não posso dizer como. Quis que eu começasse a montar para que eu me desinibisse. Era um menino tímido, com medo de animais e meu pai fez com que eu melhorasse esse problema, que realmente para um jovem não era bom. Eu não havia praticado outro esporte, a não ser quando criança: natação, futebol etc. Mas eu não era muito esportivo, não. Em minha opinião, o esporte na formação do jovem é absolutamente necessário e, obviamente, para nós a grande preferência é o esporte hípico, pois tem o contato com os cavalos, animais que ensinam ao homem muita coisa: paciência, coragem e determinação para poder controlar um animal e principalmente, levar um cavalo à competição hípica, e mais ainda quando se trata de um torneio de alto nível.

Qual a influência que seu pai teve em sua carreira?

A influência dele foi definitiva. Dos sete aos 12 anos, pratiquei equitação sem muita vontade, sem muito amor pelos cavalos, e sempre com um pouco de medo. Eu, realmente, só perdi o medo com 12 anos, de um dia para o outro. Eu me liberei do medo de saltar, mas isso por insistência de meu pai.

O senhor começou a saltar na Hípica de Bangu? Como era o aprendizado do hipismo nos anos 40? Os métodos eram muito diferentes dos atuais?

Comecei a montar não na hípica de Bangu, fundada por meu pai, mas numa propriedade naquela região. Tínhamos nossos cavalos num sítio onde passamos grande parte do nosso tempo. Inclusive residimos lá por algum tempo, no final dos anos 40. A aprendizagem do hipismo naquela época era feita por intermédio dos militares. Os oficiais da cavalaria eram a maioria dos cavaleiros nas competições naquela época. Os métodos não eram diferentes. A equitação era a mesma, baseada em métodos práticos. Nosso ensinamento era e é pela escola francesa de equitação, já que tivemos nos anos 40 oficiais da cavalaria francesa no Brasil para divulgar a equitação e o ensino aos militares da Escola de Equitação de Realengo, e Bangu fica muito perto. Foi lá, pelo conhecimento que meu pai tinha com os militares, que ele começou a praticar equitação.

O senhor começou ainda menino. No início, chegou a sentir medo do cavalo ou a adaptação foi fácil?

A adaptação não foi muito fácil. Dos 7 aos 12 anos, era praticamente obrigado pelo meu pai.

Quando o senhor começou a ganhar provas, o hipismo era praticado por militares e por empresários, enfim por homens maduros. Como o senhor era recebido nos círculos hípicos? Chegou a sentir algum tipo de dificuldade por ser bem mais jovem que os outros cavaleiros?

A partir dos 12 anos, quando comecei a competir e a gostar de cavalos, meu pai me prestigiou com o máximo e me dava cavalos de ótima qualidade. Logo aos 14, 15 anos, cheguei a um nível bem elevado, e comecei a ganhar muitas provas. Isso foi motivo de alguns protestos e eu me lembro que ao início dos anos 50, tivemos um problema na Justiça, noticiado por jornais da época. Alguns cavaleiros, alegando que eu era menor de idade, tentaram me afastar das provas. Meu pai foi um homem lutador e viu aquilo como um verdadeiro absurdo. Foi à Justiça e foi provado que um jovem, autorizado pelo pai, poderia participar de provas. O assunto terminou dessa maneira.

Quais as lições mais importantes que aprendeu dos cavaleiros mais experientes, em seu início de carreira nos anos 40 e 50? Qual o cavaleiro que mais o impressionava?

Tive oportunidade de aprender bastante com outros cavaleiros, a melhor maneira que uma pessoa pode se instruir. Tive também instrutores, contratados por meu pai para me assistir e a meus cavalos. Naquela época, havia muitos cavaleiros importantes, mais tarde meus companheiros na equipe internacional do Brasil. Como o general Eloy Menezes, quarto lugar nas Olimpíadas de 1956, o coronel Renildo Ferreira e dentre os civis, Hermes de Vasconcellos e Roberto Marinho (presidente das Organizações Globo), os grandes astros daquela época.

Nos anos 50, o senhor conquistou títulos brasileiros e outras vitórias importantes. Sendo ainda jovem, qual a emoção de tais conquistas?

Alguns anos já se passaram, mas nos anos 50 fui campeão nacional várias vezes e particularmente, em 1953, foi minha primeira viagem com a equipe brasileira; eu tinha 18 anos. Fomos competir na Argentina, num concurso internacional oficial e nesse concurso ganhei meu primeiro GP internacional, montando Sereno. Foi um grande começo na minha vida hípica.





NELSON PESSOA RESPONDE (cont.)

Nos anos 60, o senhor se mudou para a Europa. O senhor acredita que, ainda hoje, é quase impossível fazer uma carreira expressiva sem se mudar para o Continente Europeu? Por que?

Nos anos 50 e 60, a equitação no Brasil era apenas praticada por uma elite de cavaleiros civis e os militares. Naquela época, nossa cavalaria militar era prestigiada e os oficiais praticavam a equitação por essa razão. A equitação no Brasil não era muito desenvolvida, foi melhorando a partir dos anos 60. Hoje temos bastante atividade no País. Mas, para um cavaleiro tentar uma carreira expressiva internacional, é absolutamente necessário viver no continente europeu. Assim como os pilotos, jovens rapazes que são expoentes no automobilismo, com 17, 18 anos, vêm para cá competir nas Fórmulas Ford, F-3, F-3.000, até chegar ao grande objetivo, que é a F-1. Para nós, é a mesma coisa. É vir para a Europa conhecer o ambiente, trabalhar aqui, para chegar mais tarde a competir com sucesso nas principais provas internacionais.

Como foi a adaptação ao hipismo europeu e à vida na Europa? Sente saudades do Brasil, até hoje?

A adaptação ao hipismo europeu foi uma questão de evolução, de seguir os cavaleiros mais experientes, de melhor nível que o meu. Meu primeiro ano foi bastante difícil. Trouxe animais do Brasil. Eu, com pouca experiência, meus animais também... Mas já no final do primeiro ano, em 1961, ganhei o GP de Bruxelas. Foi meu grande passo para o sucesso futuro. Saudades do Brasil, sinto sempre. Tenho grandes amigos no Brasil, minha família continua vivendo no Brasil, sigo as coisas boas e ruins que se passam no Brasil. Cada oportunidade que tenho de ir ao Brasil, aproveito para torneios, férias, rever os amigos. Gosto muito mas, profissionalmente, minha vida está aqui, meu coração está aqui, com os cavalos, a equipe e a família que eu formei. Agora, com a atividade do Rodrigo junto aos cavalos, está sendo uma continuidade da minha vida.

De seus títulos internacionais, qual o que mais lhe marcou e o emociona até hoje? Por que?

Para todo desportista, os títulos vão progredindo. Ganha-se um campeonato regional, nacional, internacional, uma medalha pan-americana, olímpica ou mundial. De todas as minhas vitórias tenho ótimas recordações. Agora, as vitórias de Rodrigo no Mundial e na Copa do Mundo, considero minhas também, porque é meu filho. Sinto mais do que se tivesse sido conquistadas por mim. Sempre penso que a última vitória é aquela que tem o melhor sabor.

Qual a sensação de ter preparado a equipe brasileira medalha de bronze em Atlanta?

Foi uma grande sensação, uma grande honra ter ido a Atlanta treinar a equipe brasileira, composta pelo Rodrigo, Álvaro Affonso de Miranda Neto, o Doda, André Johannpeter e Luiz Felipe Azevedo, todos cavaleiros que eu vi ainda meninos. Eu sigo colaborando com eles. Rodrigo, que foi cria da casa, Doda e André, que trabalham muito comigo e Azevedo, com quem tenho muito contato.

Ter visto Rodrigo campeão mundial e das Copas do Mundo foram vitórias pessoais para o senhor?

Foi uma enorme satisfação, e considero ter uma parte dessas vitórias. Tanto com Rodrigo quanto com os cavalos tenho ligação direta, preparando os animais, ajudando o Rodrigo. Todo pai que vê seu filho campeão mundial e um treinador que vê seu pupilo campeão mundial, principalmente Rodrigo que fez uma série de Copa do Mundo de Helsinque, Campeão do Mundo em Roma e Copa do Mundo de Gotemburgo... é realmente uma coisa espetacular.

Em que aspectos o cavaleiro Rodrigo é parecido e diferente do cavaleiro Néelson Pessoa Filho?

Rodrigo tem grande semelhança a mim. Montamos num estilo muito parecido. Trabalhamos juntos e nessa parte técnica, temos uma semelhança muito grande. Em relação à preparação dos animais, o Rodrigo tem as mesmas diretrizes que eu. Não podemos dizer que temos grandes diferenças entre nós.

Como é enfrentar Rodrigo num torneio importante? Naquele momento não há a relação pai e filho, mas somente a de dois cavaleiros competidores?

Nos concursos internacionais em que participamos juntos realmente estamos bem desligados. Apenas nos grandes torneios como Aachen e Roterdam-e já fizemos algumas vezes primeiro e segundo-então é realmente uma satisfação extraordinária. Como adversário, no momento da competição, realmente se esquece se está competindo com o filho ou com o pai.

Certamente já devem ter pedido ao senhor que compare seu currículo ao de Rodrigo. Já é possível dizer qual dos dois é o melhor?

É uma comparação impossível, pretender que eu seja melhor que o Rodrigo ou que o Rodrigo seja melhor que eu. Tivemos nossas carreiras com sucessos que não parecer semelhantes. Eu não tive êxito nos campeonatos que Rodrigo teve (duas Copas do Mundo e um Mundial).



NELSON PESSOA RESPONDE (cont.)

Eu ganhei um campeonato comparável ao Campeonato do Mundo, mas era um campeonato da Europa aberto em que participavam americanos etc, mas era europeu. Depois que eu venci este campeonato, não foram mais admitidos cavaleiros que não fossem da Europa, pois a Federação Equestre Internacional assim decidiu. Eu venci mais de 120 GPs, sou o cavaleiro que tem mais vitórias em provas de potência e derbies . O Rodrigo ainda não chegou a ter tantas vitórias, porque minha carreira tem 50 anos e a do Rodrigo, dez . Acredito que ele vá ganhar tantos GPs, potências e derbies quanto eu. Para a idade dele, ele já leva títulos que eu não consegui. Ele tem duas vitórias na Copa do Mundo e eu fui vice-campeão duas vezes, por um ponto. Acredito que Rodrigo, com mais 20, 30 anos de carreira, ele vá ter tantos ou mais resultados quanto eu. Apenas ele terá de cuidar da carreira dele, como eu cuidei da minha, a fim de que ela seja tão longa quanto a minha. Vai ser o grande trabalho que ele vai ter de realizar.

Qual o cavalo que mais marcou sua carreira?

Meu primeiro grande cavalo foi Grand Geste, um cavalo brasileiro, talvez o cavalo que tenha tido mais significado para mim. Com ele, fui campeão em Aachen, em 1964, Europeu em 1966 e Pan-Americano, em 1967.

Além do senhor mesmo, pode citar os cinco grandes cavaleiros que já viu (em qualquer época)?

Teriam de ser mais de cinco. Teria de prestar homenagem a alguns cavaleiros antigos que já se retiraram, que todos reconhecem como tendo sido grandes cavaleiros: Raimondo D'Inzeo, Piero D'Inzeo, D'Oriola, Fritz Thiedermann, Hans Gunther Winkler, Francisco Goyoaga (espanhol). Esses foram os grandes nomes da equitação da minha época. Depois, eu atravessei três gerações de cavaleiros. Estou montando em competições internacionais desde 1956 e participei do Campeonato Mundial , em 98 , ainda bem competitivo, porque terminei em 11º lugar. Entre os cavaleiros mais modernos, Hugo Simon, Jos Lansink, Ludger Beerbaum, Frank Sloothaak, os irmãos John e Michael Whitaker, Ian Millar, e Nick Skelton fazem os grandes nomes da equitação depois da Guerra. Pense nos pilotos de F-1 . Pode-se citar Piquet , Senna ou Prost, mas lembrar também de grandes campeões como Fangio, Moss , Stewart e Fittipaldi. O tempo muda, mas os campeões seguem sempre nascendo e não se pode esquecer.

O senhor tem feito muito pelo hipismo brasileiro. Entretanto , seu nome nem sempre tão badalado quanto o de outros grandes desportistas, como Pelé e Ayrton Senna. Não falta um maior reconhecimento ao seu nome?

O reconhecimento do público é uma grande satisfação para um esportista que tem sucesso. Entretanto, reconheço que nosso esporte não é tão popular quanto o automobilismo ou como o futebol. Assim é lógico que esse reconhecimento seja menor, mas as pessoas são muito carinhosas, estão sempre prestando homenagens, e a nossa imprensa também. Agora, o reconhecimento ao hipismo tem evoluído muito também, como o tênis, que antes era um esporte de papai e mamãe jogarem domingo no clube de tênis, e hoje é este esporte de milhões praticado em todo o mundo e que se vê na TV a cada fim de semana. Existem grandes campeões, e temos os nomes dos brasileiros que estão sempre em cada esporte.

O senhor é um grande mestre no hipismo. No seu entender, o que faz um grande cavaleiro? O talento? A dedicação aos treinos? O melhor animal? Quais os pontos que mais enfatiza em suas aulas?

O talento é indispensável. A dedicação aos treinos, ter bons animais, modéstia, coragem, entusiasmo para treinar, força de vontade e paciência. Todo esporte é ingrato, mas hipismo contamos com um cavalo, um ser vivo sujeito também às emoções e às fraquezas . O animal não foi feito para carregar um homem nas costas, saltando obstáculos. Você pode imaginar as dificuldades para ter um cavalo num bom ponto , no dia certo , nas grandes competições?

Passados mais de 50 anos, qual ou quais os seus sonhos no hipismo? O que falta realizar?

Não tenho mais nada a realizar. Quero ver o hipismo se desenvolver no meu País e no Mundo. Que o Rodrigo continue o grande cavaleiro que ele é, com grandes vitórias no futuro, e que eu possa viver bastante tempo para assistir a isso tudo.

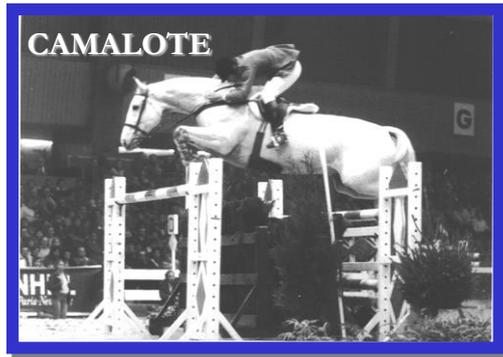
Quem é o homem Nelson Pessoa para o próprio Nelson Pessoa?

O homem Nelson Pessoa é aquele que se tornou um esportista profissional e dedicou toda sua vida ao esporte, que divide todo seu tempo entre a família e o treinamento, e do esporte e para o esporte. Da minha profissão e para minha a profissão, e agora, para meu filho e para minha família.

ALGUNS CAVALOS INESQUECÍVEIS!



SHANNON
SHAMROCK

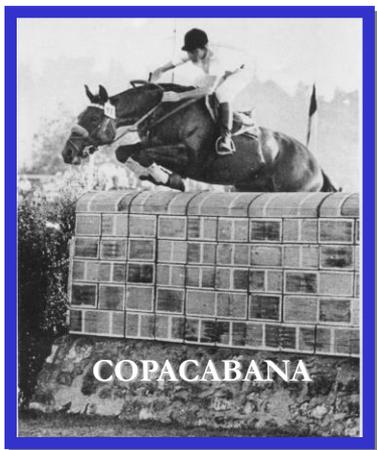


CAMALOTE



CARNAVAL

Carnaval Potência Dinard



COPACABANA



GRAN GESTE



ESPARTACO

ESPARTACO



FOR EVER LA BAULE

FOR EVER



HUIPIL

ALGUNS CAVALOS INESQUECÍVEIS! (cont.)

